

Catequese Jubileu: 37. A resposta definitiva à questão da nossa morte

Na catequese de quarta-feira, o Papa Leão XIV falou sobre como a ressurreição de Cristo ilumina o mistério da morte, que sempre suscitou profundas questões no ser humano.

10/12/2025

**Ciclo de Catequese – Jubileu 2025.
Jesus Cristo, Nossa Esperança.**

IV. A Ressurreição de Cristo e os desafios do mundo de hoje.

7. A Páscoa de Jesus Cristo: a resposta definitiva à questão da nossa morte

*Prezados irmãos e irmãs, bom dia!
Sede todos bem-vindos!*

O mistério da morte sempre suscitou profundas interrogações no ser humano. Com efeito, ela parece ser o acontecimento mais natural e, ao mesmo tempo, mais inatural que existe. É natural, porque na terra todos os seres vivos morrem. É inatural, porque o desejo de vida e de eternidade que sentimos por nós mesmos e pelas pessoas que amamos nos leva a ver a morte como uma condenação, como um “contrassenso”.

Muitos povos antigos desenvolveram ritos e costumes ligados ao culto dos mortos, para acompanhar e recordar quantos se encaminhavam rumo ao mistério supremo. No entanto, hoje verifica-se uma tendência diferente. A morte parece uma espécie de tabu, um acontecimento a manter distante; algo de que falar em voz baixa, para evitar perturbar a nossa sensibilidade e tranquilidade. Por isso, muitas vezes até se evita visitar os cemitérios, onde quem nos precedeu repousa à espera da ressurreição.

Portanto, o que é a morte? É realmente a última palavra sobre a nossa vida? Só o ser humano se coloca esta pergunta, porque somente ele sabe que deve morrer. Mas estar ciente disto não o salva da morte; aliás, num certo sentido, isto “sobrecarrega-o” em relação a todas as outras criaturas vivas. Os animais sofrem, certamente, e dão-se conta

de que a morte está próxima, mas não sabem que a morte faz parte do seu destino. Não se interrogam sobre o sentido, o fim, o êxito da vida.

Constatando este aspeto, então deveríamos pensar que somos criaturas paradoxais, infelizes, não só porque morremos, mas também porque temos a certeza de que este acontecimento ocorrerá, embora ignoremos como e quando.

Descobrimo-nos conscientes e, ao mesmo tempo, impotentes.

Provavelmente é daqui que provêm as frequentes remoções, as fugas existenciais perante a questão da morte.

No seu famoso escrito intitulado *Preparação para a morte*, Santo Afonso Maria de Ligório reflete sobre o valor pedagógico da morte, evidenciando como ela é uma grande mestra de vida. Saber que existe e, sobretudo, meditar sobre ela ensina-

nos a escolher o que realmente fazer da nossa existência. Rezar, para compreender o que é benéfico em vista do reino dos céus, e abandonar o supérfluo que, ao contrário, nos liga às realidades efémeras, é o segredo para viver de modo autêntico, na consciência de que a passagem pela terra nos prepara para a eternidade.

No entanto, muitas visões antropológicas atuais prometem imortalidades imanentes, teorizam o prolongamento da vida terrena mediante a tecnologia. É o cenário do transumano, que se abre caminho no horizonte dos desafios do nosso tempo. A morte poderia ser verdadeiramente derrotada com a ciência? Contudo, a própria ciência poderia garantir-nos que uma vida sem a morte também é uma vida feliz?

O evento da Ressurreição de Cristo revela-nos que a morte não se opõe à vida, mas é uma sua parte constitutiva, como passagem para a vida eterna. A Páscoa de Jesus faz-nos saborear *antecipadamente*, neste tempo ainda cheio de sofrimentos e provações, a plenitude do que acontecerá após a morte.

O evangelista Lucas parece captar este presságio de luz na escuridão quando, no final daquela tarde em que as trevas envolveram o Calvário, escreve: «Era o dia da Parasceve e já resplandeciam as luzes do sábado» (*Lc 23, 54*). Esta luz, que antecipa a manhã da Páscoa, já brilha na escuridão do céu que ainda parece fechado e emudecido. Pela primeira e única vez, as luzes do sábado anunciam antecipadamente a aurora do *dia depois do sábado*: a nova luz da Ressurreição! Só este acontecimento é capaz de iluminar profundamente o mistério da morte.

Nesta luz, e só nela, torna-se verdadeiro o que o nosso coração deseja e espera: ou seja, que a morte não é o fim, mas a passagem para a luz plena, para uma eternidade feliz.

O Ressuscitado precedeu-nos na grande prova da morte, saindo vitorioso graças ao poder do Amor divino. Assim, preparou-nos o lugar do descanso eterno, a casa onde somos esperados; ofereceu-nos a plenitude da vida, onde não há mais sombras nem contradições.

Graças a Ele, morto e ressuscitado por amor, com São Francisco podemos chamar à morte “irmã”. Aguardá-la com a esperança certa da Ressurreição preserva-nos do medo de desaparecer para sempre e prepara-nos para a alegria da vida sem fim!

Libreria Editrice Vaticana

.....

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
opusdei.org/pt-pt/article/catequese-
jubileu-37-a-resposta-definitiva-a-
questao-da-nossa-morte/](https://opusdei.org/pt-pt/article/catequese-jubileu-37-a-resposta-definitiva-a-questao-da-nossa-morte/) (28/01/2026)